

Uma reflexão histórica das epistemologias filosóficas educacionais éticas

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

Como citar: GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. Uma reflexão histórica das epistemologias filosóficas educacionais éticas. *In:* BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; ALVES, Cristiane Paiva (org.). **Humanização e educação integral refletindo sobre rotas alternativas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 21-38.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-007-5.p21-38>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

1.

UMA REFLEXÃO HISTÓRICA DAS EPISTEMOLOGIAS FILOSÓFICAS EDUCACIONAIS ÉTICAS

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

A filosofia ocidental atenta-se as três grandes áreas, a metafísica, a moral, e a epistemologia. É na filosofia clássica grega surge a *Paidéia*, a *Areté* e a *episteme*⁴. A Epistemologia⁵ conhecida como a Teoria do Conhecimento exerce uma influência na educação⁶ e na moral⁷, nos resultados e análises da relação entre o cognoscente e cognoscível, e na reflexão ética⁸ sobre a própria capacidade de conhecer, em significar e

⁴Derivada do grego, *Paidéia* é um estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as suas virtualidades, o do homem tornado verdadeiramente homem (JAEGER, 2001). Derivada do grego, por *Areté*, entende-se como uma expressão de "excelência", ligado à noção de "virtude moral", do aprender e o cumprimento de um propósito ou tarefa. Derivada do grego, por *Episteme*, entende-se por um conhecimento que ultrapassa impressões e se situa no plano racional, no mundo das ideias (JAEGER, 2001).

⁵ Estudo do conhecimento relativo ao campo de pesquisa em cada ramo das ciências.

⁶Entende-se como educação o processo de aprendizado ou a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores, crenças e hábitos transmitidos, ensinados, de geração para geração. Neste sentido, a educação está inteiramente ligada à pedagogia e a ética no que tange às práticas humanas, a prática social, o significado, a modificação dos seres humanos "nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal" (LIBANEO, 2001, p. 6-7).

⁷A moral é um conjunto de normas e regras elaboradas e aceitas por uma civilização, em que se regula a relação social, o comportamento e as normas de governança e atributos individuais psicológicos, e intelectuais(VÁZQUEZ, 1987).

⁸ do grego "*ethika*", de "*ethos*", deriva dois entendimentos, modo de ser e o costume. Com o decorrer do tempo, de um lado, o entendimento do ser permanece como uma reflexão ética (morada do ser), do outro lado, o costume ("*mores*"), torna-se um conjunto de normas morais que regulam o comportamento humano. Na filosofia a moral e a ética envolve o estudo ou modo como viver, a busca do conhecimento e entendimento sobre os juízos morais ou de orientação moral (BOFF, 2003).

ressignificar. Portanto, a educação é um fazer epistemológico filosófico ético em que o sujeito adquire conhecimento de si, do mundo e das coisas. Tais conhecimentos são fundamentais na história da filosofia ocidental. (SANTOS, 2008). É neste contexto, que este estudo reflete historicamente as epistemologias filosóficas que abordam a educação e a ética, entendidos como um processo de ressignificação⁹.

Salienta-se que este estudo é introdutório¹⁰ e abordam-se as principais epistemologias filosóficas¹¹ dentro do período histórico. De acordo com Bachelard (1971) a epistemologia se constitui na era moderna¹² no século XVII em diante com estudos filosóficos de Descartes (1596-1650) e Locke (1632-1704). Todavia, de acordo com Kohan, Leal e Ribeiro (2000) um estudo filosófico utiliza uma exegese histórica como uma parte importante da fundamentação teórica e prática, em que se recorre às obras filosóficas consagradas para discrepar ou subscrever. Portanto, mesmo que a epistemologia surge na era moderna, à filosofia pré-socrática, clássica, e média abordaram a questão do conhecimento e deram fundamentação para os estudos filosóficos na modernidade.

⁹A capacidade do ser humano libertar-se do destino exclusivo da repetição. Dentro da educação pode ser entendida com a formação continuada, a transformação do saber e do ser, um senso crítico e contemplativo e reflexivo. Promover sentido de vida. Adaptação, integração de métodos. Neste entendimento, ressignificar é um processo filosófico, ético e educacional (GALLO, 2012).

¹⁰ As temáticas deste estudo carecem de uma abordagem sistemática.

¹¹ Não se abordará todas as epistemologias filosóficas. Considera-se que dentro da teoria da educação, existem significativos estudos da área da psicologia que se relacionam com as epistemológicas filosóficas, tais como os estudos de Skinner, Freinet, Bruner, Vygotsky, Piaget e Paulo Freire (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1996).

¹² Entende-se como o período entre o século XV ao século XVIII, período marcado pelo avanço da ciência (GUARINELLO, 2013).

Dogmatismo

Dentro da história da filosofia, no período clássico, o dogmatismo¹³ teve expressividade em Platão (348 - 347 a.C.) e Aristóteles (322 a.C.), ambos acreditavam que o conhecimento está na verdade, e o ser humano é capaz de conhecer. Para Platão o sucessor de Sócrates (399 a.C.), “pai da ética¹⁴”, o conhecimento torna o homem virtuoso e imprescindível na hora de realizar um juízo de orientação ética e atuar com liberdade, a ideia de "Bem em si mesmo". Na teoria platônica o Bem *agathós*, é uma metafísica suprema em que: "a alma quando está em si mesma e analisa as coisas por si mesmas, sem se valer do corpo, encaminha-se para o que é puro, eterno, imortal, imutável [...]" (PLATÃO, 1999, p. 149). Ou seja, existe um “Bem” absoluto, uma verdade, que constitui a razão última de tudo o que existe e de toda possibilidade de conhecimento.

Para Aristóteles a ética é um saber orientado para alcançar a felicidade e a vida boa, acessível ao ser virtuoso que respeita os valores morais, a compreensão da *eudaimonia*¹⁵ e *Aretê*. Na obra *Ética a Nicômaco*¹⁶ Aristóteles admite a existência de uma verdade, um valor absoluto, encontrado na ética enquanto saber. Segundo Cortina e

¹³ Entende-se como dogmatismo a posição epistemológica quando o problema do conhecimento não é erguido, em que a possibilidade e a realidade da relação entre o sujeito e o objeto estão pressupostas. No dogmatismo pode-se alcançar a verdade absoluta sem necessariamente examinar as possibilidades.

¹⁴ Com exceção de uns poucos fragmentos de Heráclito e Xenófanes, encontram-se entre os sofistas e Sócrates (século V a.C.) as primeiras reflexões filosóficas sobre questões éticas. Antes de Sócrates (pré-socráticos) a reflexão moral estava atrelada a investigação do cosmo. É na filosofia de Sócrates que a reflexão da moral baseia-se em teorias antropológicas (ética e política). Para os sofistas a ética é mera convenção social ou pactos entre os homens. Ao contrário, Sócrates defende a necessidade de estabelecer critérios racionais para diferenciar a verdadeira virtude (CORTINA; MARTÍNEZ, 2005).

¹⁵ Entende-se como Eudaimonia a formação entre o prefixo “eu” que significa “bem disposto” e “daimon”, “um poder metafísico divino”; “*eudaimon*” um adjetivo para “feliz”. No período grego antigo, a felicidade atrela-se ao poder de usufruir os dons divinos. Para Platão a felicidade é produto da sabedoria que acede ao mundo das ideias (PLATÃO, 1999).

¹⁶ Principal obra filosófica sobre a ética de Aristóteles faz alusão constante ao conhecimento, em práticas educativas.

Martínez (2005) os saberes que constituem a ética de Aristóteles são: 1) No "saber teórico", a finalidade é o próprio saber, a verdade, que existem independentemente da vontade e da ação do ser humano, encontradas nos conhecimentos da Física, da Matemática e da Metafísica. 2) O "saber teórico" é o princípio ou causa que constrói-se na finalidade de conhecer a realidade, que depende da vontade e da ação humana. 3) O "saber prático" pretende dirigir a atuação humana, o fazer humano, à capacidade de justificar as normas e valores que ajudam a ordenar a vida, viver de forma digna.

Na idade Média¹⁷, o conhecimento e a ética estão no âmbito teológico. Destacam-se os filósofos Agostinho e Tomás de Aquino¹⁸. Para Agostinho, a origem do conhecimento do objeto era o produto da ideia interior do sujeito cognoscente. As ideias convertem-se nos pensamentos criativos de Deus. O conhecimento, a verdade, ocorre no espírito humano que é iluminado por Deus, que direciona uma vida virtuosa, a beatitude e a felicidade (AGOSTINHO, 2000). Tomás de Aquino, um intelectualista¹⁹, equipara a sabedoria e a virtude, insere o valor, a intensidade da vida e a essência do *bem* (idêntico ao ser) no ato da inteligência. Nela, surge a capacidade de conhecer o mundo em seu aspecto de ser, que corresponde à verdade e, por imediato, ao *bem* (ROUSSELOT, 1999).

¹⁷Entre os séculos V e XV. Um marco da religião cristã em questões morais e educacionais.

¹⁸Sintetizaram o pensamento cristão medieval. Agostinho representa a Patrística. Que abarca desde o fim do Cristianismo primitivo até aproximadamente o século 12. Tomás de Aquino representa a Escolástica, movimento que se divide em: inicial (séculos 9-13), com forte influência do neoplatonismo; Escolástica clássica (séculos 14-15), com evidente domínio do aristotelismo com embasamento cristão; e a Escolástica tardia (séculos 15-16).

¹⁹Do Intelectualismo argumenta-se que o conhecimento encontra-se no próprio intelecto como base para o real e no sentido metafísico. Há intelectualismo de tipo psicológico, teológico e moral. Na ordem psicológica e educacional, Jean-Frédéric Herbart, reduz todas as funções psíquicas ao plano do conhecimento intelectual. São exemplos de intelectualistas: Parmênides, Platão, Aristóteles, Spinoza, Schelling, Hegel. (ROUSSELOT, 1999).

Na Idade Moderna surge o dogmatismo racional, ou racionalismo, que acredita na capacidade da razão humana em conhecer a verdade sem examinar a potencialidade da razão em conhecer o objeto. Destacam-se Descartes (1596 -1650) e Leibniz (1646 - 1716) como principais representantes do dogmatismo racional. Descartes, na obra *Discurso Do Método*, o que chamou de "moral de provisão", aponta máximas para aproximar-se da verdadeira virtude: 1) a vida de cada um deve ser conforme os desígnios de Deus e as leis e costumes de seu país; 2) a "prudência" é a atitude que supriria a imperfeição; 3) deve-se procurar vencer a si mesmo, mudando os próprios desejos e não a ordem do mundo. A ética em Leibniz está na lei moral, em que o sujeito exerce o ser inteligente e livre através da razão, ao dominar o espírito, liberta a vontade, livre e autônoma, não viola as leis naturais, mas, segue um determinismo universal, escolhendo os melhores fins para atingir-se a perfeição e a felicidade (HESSEN, 2003).

Ceticismo

No ceticismo²⁰ nega-se que o conhecimento seja possível, baseia-se que não se pode formular um juízo verdadeiro ou falso. Destacam-se dois filósofos do período helenístico²¹, Carnéades²² (214 -129 a.C.), admitia

²⁰De *sképtesthai*, o ceticismo pode ser absoluto ou relativo. No absoluto, de dois juízos contraditórios – um a negação do outro – não havia como decidir qual deles é verdadeiro. Portanto, a única alternativa que resta é a suspensão de todo o juízo. No relativo nega-se parcialmente a possibilidade do conhecimento, concebe a impossibilidade de alguns domínios do conhecimento, por exemplo, o metafísico. Sendo possível conhecer, a matemática e as Ciências Naturais (BAZARIAN, 1994).

²¹Compreendida entre os séculos III e II a.C. no qual os gregos estiveram sob o domínio do Império Macedônico. O período helenístico foi marcado por ensinamentos éticos, tais como, a arte de viver, conforme a obra "*Manual*" de Epicteto (50-125 a.C.), afirma que a educação liberta, o conhecimento retira a ignorância e apresenta os direitos e deveres morais.

²²Como ideia ética sustentava que a justiça ou injustiça dependeriam da conveniência da situação. Esse pensamento originou a Tábua de Carnéades, um experimento mental utilizado nos campos da ética e do direito penal, testa os limites da justificação da morte de um inocente por outro em um estado de necessidade (MINORELLI, 2019).

que o homem pode conhecer, julgar o que é provável, mas não a verdade, e Pirro (360-270 a.C.), em que a única atitude cabível é a suspensão (*epoché*) total do juízo, pois não pode afirmar de coisa alguma que seja verdadeira ou falsa, justa ou injusta. Esse pensamento molda a ética de Pirro. É necessário interromper a ação de juízos que são meras convenções morais, em que se prefere algo em detrimento de outra coisa. As coisas são somente convenções passageiras feitas pelos homens. Por isso, não se deve inquietar com nada no mundo, o que Pirro chama de *ataraxia*²³, leva o homem à felicidade através da tranquilidade e da serenidade, indiferente ao mundo (BAZARIAN, 1994).

Durante a Idade Média, período marcado pelo dogmático cristão, o ceticismo tem pouca influência. A discussão da ética no ceticismo é uma crítica à metafísica. Destaca-se Sexto Empírico (séc. II d.C.), que sistematiza o “ceticismo justificando- o pelo profundo desacordo entre os filósofos em relação a qualquer problema e, por outro lado, pelo engano dos sentidos. Sexto Empírico considera inútil toda a investigação metafísica” (ZILLES, 2003, p. 95-96).

Os conceitos de Sexto Empírico influenciaram Montaigne (1533 - 1592) e Hume (1711-1776), principais representantes do ceticismo na idade moderna. David Hume na obra “Investigações sobre o entendimento” reconhece que a Matemática é um conhecimento possível, mas nega a possibilidade do conhecimento metafísico por não derivar da experiência. É dela, e não da razão, que a consciência cognoscente retira seus conteúdos (HUME, 1999). Este é o fundamento do empirismo²⁴, a consciência cognoscente origina os conteúdos inteiramente da experiência.

²³Ausência de inquietude/preocupação” é ter tranquilidade de ânimo

²⁴Do grego *empeiria*, experiência sensorial. Locke em sua obra *Ensaio sobre o entendimento humano*, afirma que nada vem à mente sem ter passado pelos sentidos, a mente nasce como um papel em branco, desprovida de ideias (BAZARIAN, 1994).

A experiência aparece na ética de Hume como capacidade "emotiva", a agir impulsionado por um "motivo", por "algo que move", ou "que causa ou dá origem a algo".

Para Montaigne, a ciência não propicia um conhecimento certo, pois seu instrumento principal, a razão abstrata, não tem maior valor que a imaginação, que está sujeita às variações das impressões sensoriais. A ética em Montaigne está centrada nas variações dos sentidos, é através deles que se busca o caminho da sabedoria para a solução dos problemas da vida, a sabedoria é saber deliberar entre o bem e o mal para viver melhor (MONTAIGNE, 1987).

O ceticismo tem grande expressividade na modernidade. De acordo com os estudos de Hessen (2003, p. 36-37) e Bazarian (1994, p. 83-85) surgem correntes do ceticismo relativo²⁵:

Quadro 1 – Ceticismos relativos

Correntes	Descrição	Questão ética
Relativismo	Não há verdade absoluta, universalmente válida. Toda verdade é relativa e tem apenas uma validade limitada.	De acordo com Boff, todo ponto de vista é visto de um ponto. Por exemplo, em casos da bigamia, da pena de morte etc. São considerados crimes em algumas culturas e países e em outros não.

²⁵Classifica as correntes como ceticismo, pois a verdade não é alcançada de forma plena, assim como ocorre no dogmatismo ou racionalismo. Salienta-se que alguns estudiosos da teoria do conhecimento classificam o Subjetivismo, o Probabilismo, o Convencionalismo, o Ficcionalismo, o Pragmatismo ou Utilitarismo, o Fenomenalismo, o Positivismo e o Criticismo como teorias independentes ou intermediárias entre o dogmatismo e ceticismo(MOSER, P. K.; MULDER, D. H.; TROUT, J. D., 2004); (ZILLES, 2003).

<p>Subjetivismo</p>	<p>Não há verdade absoluta, universalmente válida. A verdade é subjetiva, válida apenas para o sujeito que conhece e julga. O que é verdadeiro para uns é falso para outros. No subjetivismo o conhecimento depende de fatores que residem no sujeito cognoscente.</p>	<p>Segundo Protágoras (século 5 a.C.): "o homem é a medida de todas as coisas". Uma coisa que é certa para um, pode ser errada para o outro.</p>
<p>Probabilismo</p>	<p>O pensamento não tem acesso à verdade, mas somente as proposições, que apresenta um grau mais ou menos elevado de probabilidade ou de credibilidade. É impossível um conhecimento rigoroso da verdade, nunca se pode dizer que esta ou aquela proposição seja verdadeira. A única coisa que pode afirmar é que ela tem maior ou menor probabilidade de ser verdadeira. Não existe, portanto, certeza rigorosa, mas apenas probabilidades.</p>	<p>Em Concina (1687-1756), pioneiro do Probabilismo, em caso de dúvida o sujeito deve atentar-se à honestidade da ação e optar por uma opinião provável quando escolhida entre outras tantas igualmente prováveis. No Probabilismo, o indivíduo assume a responsabilidade ética e o risco de suas ações, mas, em contrapartida, o conforta e o desculpabiliza.</p>

Convencionalismo	Os princípios científicos, da Geometria e de Mecânica, têm caráter puramente convencional. O convencionalismo substitui a noção de verdade pela comodidade. É erro, por exemplo, perguntar se a Geometria euclidiana é mais verdadeira que outra; ela é apenas mais cômoda. A ciência é uma "linguagem" convencional, uma maneira de formular o que se percebe dos fenômenos, mas, de nenhum modo, uma explicação decisiva do real.	Para Poincaré(1854-1912), fundador do Convencionalismo, a ciência tem como finalidade maior a busca da verdade, em que há uma obrigação ética: a busca pelo alívio dos sofrimentos humanos.
Ficcionalismo	O intelecto trabalha com pressupostos falsos – com ficções –, desde que eles se mostrem úteis evitais. A "verdade" é um "erro mais adequado". A ficção, é uma representação mental, à qual nada corresponde na realidade.	Hans Vaihinger (1852 - 1933),pioneiro do ficcionalismo, afirma que a distinção valorativa entre verdade e a mentira não passa de um “preconceito Moral”. A Arte representa o mundo cambiante do devir e da satisfação estética, ela nega diretamente tudo aquilo que é considerado “real” devido a supostas necessidades intelectuais ou éticas. A arte, como para a vida, a aparência e a ilusão representam o pressuposto mais necessário. Já aqui vem

		a luz a ideia de que esta ilusão, para o homem superior, é e deve ser uma ilusão consciente (VAIHINGER, 2011).
Pragmatismo ou Utilitarismo	Em vez de investigar se uma doutrina, teoria ou proposição é verdadeira ou falsa, o pragmatismo se interessa apenas pelos resultados práticos que ela possa dar. Parte do agnosticismo em que é impossível conhecer a essência das coisas e ignora o conceito de verdade como concordância entre o ser e o pensamento.	Para Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), a ética deve ser prática, viver através daquilo que é útil e vantajoso para a vida e a sobrevivência do indivíduo, ou de um grupo, ou de uma classe social.
Fenomenalismo	Não se pode conhecer a essência das coisas em si (<i>números</i>), mas somente como elas se manifestam exteriormente, como se apresentam (<i>fenômenos</i>); ou seja, conhece-se "como" as coisas são, mas não "o que" são na realidade. O fenomenalismo não nega a existência das "coisas em si" fora e independente do sujeito cognoscente e até as admite expressamente.	Em Edmund Husserl (1859-1938), fundador da fenomenologia, nota-se uma ontologia que procura explicitar e elucidar o sentido da existência do ser em processo do vir-a-ser, de acontecer. As essências (eidos) ou significações de todas as realidades materiais, naturais, ideais e culturais; são descrições de fenômenos.

<p>Positivismo</p>	<p>É impossível um conhecimento científico da essência das coisas, do <i>númeno</i>, da "coisa em si" e dos problemas metafísicos transcendentais, a ciência deve limitar-se positivamente aos dados, ao estudo dos fenômenos imediatos da experiência e no descobrimento das relações invariáveis de semelhanças e de sucessão que os ligam, sem indagar o "porquê" dessas relações.</p>	<p>Para Augusto Comte (1798-1857) idealizador do Positivismo, na ética, substitui as concepções de mundo teológicas e ontológicas por cosmovisão positiva, produto da realidade das concepções, centrada na ideia de Humanidade, inspirada por simpatia humana, dedicada ao incremento do bem-estar dos indivíduos. Na valorização do outro, Na gratidão para com o passado humano, do sentido de realidade como guia da inteligência, da cooperação social, da continuidade da cultura ao longo dos tempos, do reconhecimento do papel histórico das diferentes concepções intelectuais e instituições sociais, do anseio pela erradicação de toda forma de violência.</p>
<p>Criticismo</p>	<p>Põe à prova toda afirmação da razão humana e nada aceita inconscientemente. Não é nem cético nem dogmático, mas criticamente inquisidor – um meio entre a temeridade</p>	<p>Para Kant (1724-1804), fundador do criticismo, a noção de ética está na consciência moral, uma razão prática que contém princípios racionais que os seres humanos regem a vida</p>

	<p>dogmática e o 'desespero cético.</p> <p>As questões levantadas são:</p> <p>"Será que realmente é capaz o conhecer?". Quais os limites da razão: "O que pode-se saber?", "O que deve-se fazer?" e "O que é permitido esperar?".</p>	<p>em questões qualificativas como bom, mal, moral, imoral etc.</p>
--	---	---

Fonte: Hessen (2003, p. 36-37).

A Pós-Modernidade

A pós-modernidade surge a partir da segunda metade do século XX com críticas as suposições filosóficas modernistas sobre o comportamento humano, a cultura, a identidade, a história, e a linguagem, que foram desenvolvidas durante o Iluminismo do século XVIII. Dentro da epistemologia e a ética destacam-se os seguintes filósofos: Jean Baudrillard (1929 -2007) e Michel Foucault (1926 -1984).

Para Foucault o ser humano não é algo dado e acabado, mas construído de acordo com as verdades de um discurso²⁶estabelecido em determinado contexto histórico, que se altera com o tempo e tomará outros rumos. Compreendem-se as verdades de um discurso através de um trabalho arqueológico, em que se procura a evidência do porquê de tais verdades. Este pensamento integra a ética em Foucault, no que tange as relações do sujeito consigo mesmo e com a história. Na obra “Vigiar e Punir”, Michel Foucault retrata que o ser humano está em constante

²⁶Um fato entre outros, a ser estudado empiricamente, mas, ao mesmo tempo, proporcionando uma base privilegiada a todo conhecimento; 2) algo cercado pelo desconhecido, mas fonte potencial e universalmente lúcida do conhecimento (o cogito de Descartes); 3) um produto da história, mas também a fonte e o fundamento da mesma história (CARDOSO, 1999, p.8).

mudança, onde os valores as normas, as leis e costumes se alteram. (CARDOSO, 1999).

Jean Baudrillard em sua epistemologia contradiz o discurso sobre uma verdade pressuposta na comunicação e na cultura contemporânea. Baudrillard critica a visão consumista contemporânea, o cidadão que não faz parte da cultura do consumismo não é um verdadeiro cidadão da sociedade. Baudrillard baseou seu discurso ético contra a virtualidade de uma sociedade de aparência. Em que os meios de comunicação e as massas tiram a possibilidade de escolha e a personalidade real do indivíduo. Na sociedade do consumo busca-se uma personalização do indivíduo como modelo de autoafirmação no consumo pelo qual se culturaliza. (VAZ, 1988).

A Ressignificação da Educação dentro das Epistemologias Filosóficas Éticas

Considera-se que em todos os períodos filosóficos, a história constitui uma epistemologia de significados e ressignificados, ao reavivar uma memória, na compreensão e entendimento de si do mundo e das coisas que fazem referências éticas, e fundamentam a prática educativa²⁷ de ressignificação da educação (CASTILHO, 2004).

No período pré-socrático e clássico grego, o ideal da educação era a *Paidéia* e a *Aretê*, que retratavam uma prática educativa de melhoria contínua do ser humano em seus aspectos morais e éticos, na *pólis*, e na

²⁷ A prática educativa insere-se nos contextos em que surgem e se desenvolvem, expressando os movimentos contraditórios que emergem do processo de lutas e interesses, muitas vezes, antagônicos. “Trata-se de uma dimensão da vida humana que se transforma historicamente, Acompanhando-se e articulando-se às transformações do modo como a humanidade produz sua existência. (MARQUES, 2016, p. 122).

busca de uma verdade como significado de vida, seja no cosmos, na *physis*²⁸, ou na metafísica.

No período medieval, o conhecimento e a ética são ressignificados a partir da teologia cristã. O conhecimento vem de Deus, através Dele, o ser humano encontra significado para uma vida virtuosa, o caminho certo. Este pensamento ressignificou a prática educativa medieval, o certo e o errado como um parâmetro de aprendizagem se referenciava na moral cristã, o certo agrada a Deus, o que é errado é contra os padrões de Deus.

Na idade moderna, o conhecimento e a ética são ressignificados a partir do racionalismo e o ceticismo. Apesar de epistemologias contrárias, em ambas o conhecimento e a ética ganham maior significado humano²⁹, ou seja, sem muita interferência teológica. Com isso, há uma emancipação e desenvolvimento na educação com o surgimento e fortalecimento das ciências sociais, humanas, naturais e exatas como áreas específicas do conhecimento, tais como, a sociologia, a pedagogia, a psicologia, a biologia, a matemática e outras que compõem os discursos éticos e epistemológicos: do Relativismo, do Subjetivismo, do Probabilismo, do Ficcionalismo, do Pragmatismo ou Utilitarismo, do Fenomenalismo e do Criticismo.

Na pós-modernidade, a influência e a crítica a modernidade ressignifica a educação, em que a ética é indispensável na prática educativa. Foucault em sua obra “Vigiar e Punir”, procura entender as instituições de ensino e os sistemas de pensamento. Para Gallo (2006, pp. 20):

²⁸Do grego pode ser traduzida por natureza, Refere-se também à realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e transformação, a que nasce e se desenvolve, o fundo eterno, perene, imortal e imperecível de onde tudo brota e para onde tudo retorna.

²⁹ Movimentos do humanismo e iluminismo enfatizam o antropocentrismo.

“Foucault ajuda-nos a pensar a educação e a escola pelo menos em três dimensões: a construção do saber pedagógico na dimensão científica; as relações de poder no espaço escolar, permeado pelo disciplinamento e pelo controle; as relações do sujeito consigo mesmo, numa dimensão ética”.

Por fim, Baudrillard (1995) critica o sistema capitalista como uma sociedade do consumo, em que os produtos e serviços que a pessoa consome dizem algo ao seu respeito. Ballvé (2000) e Linn (2006) utilizam Baudrillard para explicar o impacto do consumismo no espaço educacional como um reflexo do consumismo da sociedade em geral. Os autores afirmam que o consumismo gera impactos ambientais, desigualdades sociais, quadro clínicos, acumulação, narcisismo e egocentrismo. Fundamentados da teoria de Baudrillard, os autores afirmam que é de responsabilidade do espaço educacional desenvolver práticas educativas de reflexão ética sobre as consequências negativas do consumismo.

Referências

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, .2000.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BALLVÉ, Flávia Dalcin. **A criança e a experiência do consumo**: um estudo etnográfico em uma escola do Rio de Janeiro, 2000. 95f.
Dissertação - Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPEAD, 2000.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAZARIAN, J. **O problema da verdade**. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1994.

BOFF, L. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Disponível em:
<<http://pt.scribd.com/doc/89815308/Etica-e-moral-a-busca-dos-fundamentos>> Acesso em: 26 de jul. de 2020

CARDOSO, F. **Epistemologia Pós-Moderna, Texto E Conhecimento: a visão de um historiador**. Diálogos, DHI/UEM, v. 3, n. 3: 1-28, 1999.

CASTILHO, M. A Ressignificação Da Docência: O Perfil Do Educador. **Revista da Faculdade de Educação** - Cáceres - MT - Ano II nº 2 / Jan-Jun 2004.

COLL, C, PALACIOS, J, MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e educação**. v. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORTINA, A.; MARTÍNEZ, E. **Ética**. São Paulo: Loyola, 2005.

GALLO, S. **As contribuições de Foucault à educação**. Edição 203 | 06 de Novembro de 2006.
Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/555-silvio-gallo>.
Acesso em 19 de jul. de 2020.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia**. Campinas: Papyrus, 2012.

GUARINELLO, N. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2013.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.(Coleção Os Pensadores).

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOHAN, W. O.; LEAL, B.; RIBEIRO, A. (orgs.). **Filosofia na escola pública**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LIBANEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educ. rev. Curitiba**, n. 17, p. 153-176, junho de 2001.

LINN, S. **Crianças do Consumo: a infância roubada**. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MACIEL, C. de O; CAMARGO, C. Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 168-188, abr. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 jul. 2020.

MARQUES, E. O Significado Histórico de Práticas Educativas: um movimento que vai do clássico ao contemporâneo. **Revista Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, Ano 21, n. 35, jul. /dez 2016.

MINORELLI, L. Por que usar um exemplo clássico? Breves reflexões sobre o ensino jurídico-penal a partir da Tábua de Carnéades. Porto Alegre. **Revista de Estudos Criminais**. 2019.

MONTAIGNE. **Ensaaios**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

MOSER, P. K.; MULDER, D. H.; TROUT, J. D. **A teoria do conhecimento**: uma introdução temática. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

ROUSSELOT, P. **A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino**. Tradução de P. Meneses. São Paulo: Loyola, 1999. (Coleção Filosofia).

SANTOS, A. L. **Para uma Ética do como se. Contingência e Liberdade em Aristóteles e Kant**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

Disponível em:

<http://www.lusosofia.net/textos/santos_ana_leonor_para_uma_etica_do_como_se.pdf>. Acesso em: 07 de jul. de 2020.

VAIHINGER, **A filosofia do como se**. Trad. Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

VAZ, H. C. de L. **Escritos de filosofia II**: ética e cultura. São Paulo: Loyola, 1988.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

ZILLES, U. **Teoria do conhecimento**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. (Coleção Filosofia, 21).